



*Crônica de
uma namorada
(e de uma família
paulista nos anos 50)*

ROMANCE



Copyright © 2011 by Gattai Produções Artísticas Ltda.
1ª edição, Record, Rio de Janeiro, 1995

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Projeto gráfico e capa
Rita da Costa Aguiar

Imagem da capa
Xilogravura de Calasans Neto

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Márcia Moura
Arlete Zebber

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gattai, Zélia, 1916-2008.
Crônica de uma namorada : (e de uma família paulista dos anos 50) :
romance / Zélia Gattai. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1793-2

1. Crônicas brasileiras I. Título.

10-13625

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura 869.93

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

PARA Jorge, na festa dos cinquenta anos
de nosso amor.

A NOITE MAIS FRIA DO ANO

A noite mais fria do ano — quem não sabe? — é, sem dúvida, a de 23 de junho, véspera de São João. Daquela vez, no entanto, segundo o serviço nacional de meteorologia, o inverno se antecipara. Os jornais abriram manchetes anunciando temperatura baixa, a mais baixa dos últimos cinquenta anos, geadas em pleno coração de São Paulo para aquela noite de 12 para 13 de junho, véspera de Santo Antônio.

Nessa noite de frio inesperado, cadê a botija de água quente para aquecer a cama, esquentar meus pés? Não vou mentir atribuindo a insônia à falta da botija, e muito menos culparei o berreiro de Júnior, meu irmãozinho por parte de pai, pela noite maldormida. Júnior festejara seus três anos naquele dia, comera demais, tivera indigestão, e, no berço ao lado de minha cama, chorara sem parar.

Dessa noite de Santo Antônio, de inverno tão comentado, guardarei lembrança. Se fiquei me revirando na cama, houve motivo; não dava para dormir de jeito nenhum. Verdade seja dita, não adianta mentir, o responsável foi Beto.

Primeira parte
Menina

A NOITE MAIS FRIA DE MINHA VIDA

A noite mais fria de minha vida não foi em Santo Antônio ou São João. A mais fria e a mais triste — como poderia esquecer-la? — foi num mês de julho, dia do enterro de mamãe: me cobriram de luto, me levaram ao cemitério. A tarde caía, no inverno os dias são curtos, e nos cemitérios mais curtos ainda talvez por causa dos ciprestes altíssimos a taparem a luz do céu. Colocaram o caixão sobre a mesa de mármore da capela, levantaram a tampa, e vi mamãe pela última vez. Estava linda toda coberta de flores, nem parecia morta — apenas adormecida. Papai me puxou para junto do caixão: “Diga adeus à tua mãe”. Fiquei imóvel, paralisada. Para alcançar com os lábios o rosto de mamãe, bastava levantar-me nas pontas dos pés, mas papai me ergueu: “Vamos!”, ordenou-me. Beijei a face sem vida, gelada... A custo segui o cortejo e vi quando baixaram o corpo à sepultura. Ai que desespero! Que agonia! Mamãe ia ficar ali para sempre... tive vontade de também morrer, de ser enterrada com ela... Papai mandou que eu jogasse um punhado de terra sobre o caixão, já no fundo da cova, mas não joguei, não houve jeito, não tive coragem, desta vez não obedeci, saí correndo, chorando, tropeçando nos túmulos, ninguém conseguindo me segurar. Fui apanhada e levada para casa, enregelada, tremendo, morta de pena e remorso por ter abandonado mamãe sozinha debaixo da terra fria, lá fora o vento soprando, apagando as velas, apressando a escuridão.

Já se vão cinco invernos desse dia, e nunca mais pude separar o frio da tristeza.

ROMARIA CASA ADENTRO

Ao voltar do enterro, recostada na poltrona num canto da sala, eu via desfilar a romaria de pessoas chegando e saindo, algumas demorando-se nas condolências... Até o chefe de mamãe na repartição apareceu, e à sua entrada na sala houve cochichos. Tia Cacilda cutucou vovó: "... o chefe... viu o chefe?". Tia Cacilda falava no chefe como se falasse de um rei. A demora dele foi pouca, abraçou papai e vovô, alisou minha cabeça: "... mamãe está no céu...", me disse num tom de quem quer consolar. Em vez de ficar confortada, tive raiva dele, eu queria mamãe junto de mim...

Chamada às pressas, vovó Genoveva chegara da Bahia ainda a tempo de assistir aos funerais da nora. Lamentava pelos corredores a pouca sorte do filho, homem tão bom, ficar viúvo aos quarenta anos, uma filha de dez, órfã, quando mais precisava da mãe... Órfã, eu? Só então me dava conta de que ficara órfã... Órfã, palavra triste, lembrava desamparo.

Dona Antonieta, vizinha do lado, apareceu trazendo um caldeirão de canja de galinha. Repetia enquanto ia servindo: "Para esquentar um pouco este pessoal, coitado...". Dona Antonieta é gente boa! Segurando uma das alças do caldeirão, Letícia a ajudava. Era a primeira vez que eu via Letícia em minha casa, nunca estivera antes, mas nem parecia! Despachada como ela só, a moça, a "peitudinha", como era apelidada no bairro, oferecia canja a uns e a outros, andava para cima e para baixo, uma palavrinha amável para cada um, na maior intimidade, como se fosse pessoa da família. Júlia, irmã dela, era minha colega, estudávamos no mesmo colégio e brincávamos juntas, mas Letícia nunca me dera confiança. Agora se desdobrava em agrados comigo, talvez por me ver tão triste. Seu Gaspar, o português, dono da Padaria e

Confeitaria Miraflores, pai de Júlia e Letícia, mandara pão, não cobrara.

Tia Constança, irmã mais velha de papai, não se conformava: "... Judiação! Tão moça! Uma santa!...". Naquela noite ouvi mil vezes repetirem que mamãe era uma santa.

Tia Cacilda, depois de um tempão sem pisar os pés em nossa casa, de mal com o irmão, apareceu para o velório. "Pobre Laura", suspirava, "uma sacrificada. Trabalhou até o fim... era o arrimo desta casa..." Ainda bem que papai não ouviu. Recusei a canja, não tinha vontade de comer, mesmo o chá que Benedita fez para mim recusei, a garganta apertada.

Papai chorava... seria possível? Nunca pensei que papai tivesse lágrimas, soubesse chorar... Via pela primeira vez papai chorar, estranhei, mas não me deu pena. Senti pena, isso sim, de Ricardina, ali num canto, encolhida, tremendo, cara de alma penada... Em geral alegre e movimentada, rindo por tudo e por nada, a moleca estava triste, perdera a graça, parecia assustada. Eu a chamei: "Senta aqui, Ricarda". Fiz espaço ao meu lado. Nem bem sentara, papai veio direto: "Em vez de ficar aí de baronesa, vá ajudar Benedita a servir o café".

De um salto Ricardina levantou-se e sem dizer uma palavra partiu em direção à cozinha, onde Benedita, nossa velha cozinheira, devia estar misturando lágrimas com café. Desde a véspera ela chorava sem parar.

Fungando e assoando o nariz a toda hora, vovô Nicola enrolava frases misturando italiano e português, num quase gemido, tentando responder aos que buscavam confortá-lo. Perdia a única filha: "Poverina, ainda não tinha trinta e cinco anos... ia fazer daqui a dois meses...".

Segundo o comentário passado de boca em boca, mamãe morreria de gravidez extrauterina.

Naquela noite do enterro de mamãe, noite de tanta ago-

nia, foi Beto quem me valeu. Calado, como sempre, preparou um banho quente para mim: “Venha enquanto a água está es-pertinha...”. Me banhou, me enxugou, penteou meus cabelos com toda a delicadeza, disse uma porção de coisas bonitas, deitou-se junto de mim na cama, agradeu minha cabeça até me ver dormir.

NICOLA VERONESE

Ao ficar viúvo, por insistência da filha, vovô Nicola vendera sua oficina de marcenaria, a Marcenaria Veronese, viera viver com ela, não ficaria sozinho. Conservara apenas um velho banco de trabalho e algumas ferramentas, o suficiente para aceitar pequenas encomendas, ganhar um dinheirinho, não queria depender de ninguém. Ficou morando na casa do genro, aliás, a bem dizer, na casa tão dele quanto do genro, talvez mais dele, pois o terreno fora dote de casamento que dera à filha, ajudara na construção do sobrado com dinheiro e com trabalho, trabalho braçal. Ocupava um quarto no subsolo, independente. Numa peça ao lado, improvisara uma cozinha onde preparava suas macarronadas. Vovô ficara viúvo havia muito tempo, mas falava sempre na sua Ana com saudade e amor.

Eu estava para nascer quando vovó Ana morreu. Dela herdei o nome inteiro, de vovó Genoveva apenas o começo, hábito brasileiro, mistura de nomes que nem sempre dá certo. Dessa combinação de nomes para agradar uma avó e homenagear a memória da outra, fiquei sendo Geana. Gosto de Geana, embora preferisse ter nome de artista, podia bem ser: Marlene Dietrich, Vivien Leigh, Dorothy Lamour... Sem o sobrenome, claro!, apenas Marlene, Vivien, Dorothy... ou então Eglantine ou Gisleine, tanto nome bacana rolando por aí... Mas não me queixo, pois se

meu nome não é lá essas coisas ao menos é original, ninguém tem igual. Dos nomes inventados que conheço talvez o meu seja até o melhorzinho. Existe por esse Brasil afora cada um que faça o favor!... O de uma colega, por exemplo, é Flama. Arranjo dos pais: Fla de Flávio, o pai, e Ma de Maria, a mãe. A coitada odeia seu nome e tem razão, combinação mais besta nunca vi!

RICARDINA

Ricardina deve ser dois anos mais velha do que eu, segundo cálculos de cabeça, baseados não sei em quê.

Mamãe era educadora sanitária num centro de saúde do Estado. Foi lá que um dia surgiu Ricardina pela mão da mãe, retirante nordestina, acabada pelo sofrimento, derrotada na busca de uma vida melhor em São Paulo, sem condições de criar a filha. Penalizada, mamãe interessou-se pelo problema, interessou-se pela menina.

— Quantos anos ela tem? — quis saber.

Depois de complicados cálculos nas pontas dos dedos, olhos apertados, olhar distante num esforço evidente para chegar a uma conclusão, a mãe disse:

— Uns doze, treze, por aí...

Mamãe se conteve para não rir:

— Uns doze, treze? Tem certeza? Ela não tem registro?

— Tem não... nasceu na roça...

A entrevista foi longa, e, pelos dados anotados, mamãe chegou à conclusão de que a retirante não se enganara; apesar de pequena, a menina devia ter mesmo “uns doze, treze anos, por aí...”. Papai trabalha como escrivão no cartório e não teve dificuldade em “fabricar” uma certidão de nascimento para ela, com data inventada.

Ricardina é mais velha do que eu, mas não há quem diga: não chega ao meu ombro, é miúda e magra. Miúda e magra porém benfeita de corpo, e, agora, com os peitos crescendo, já está tomando jeito de moça. Ladina como ela só, não há quem lhe ganhe em esperteza e malícia, e, verdade seja dita, no trabalho não há outra igual, limpa e arruma na perfeição. Sempre cantando — voz bonita —, de cara alegre, não tem hora para descansar nem mesmo aos domingos e feriados. Se eu fizesse a metade dos serviços que ela faz já estaria morta há muito tempo. Cria da casa, quer dizer, não é uma empregada qualquer, não recebe ordenado. “... mesmo que filha”, ouço papai dizer ao referir-se a ela, Ricardina paga bem o prato que come.

Adora quando a chamo de Ricarda, derrete-se toda, me faz confidências. É um regalo ouvi-la contar as histórias do tempo em que foi espantalho na roça do tio, antes de vir para São Paulo. Muito nova ainda, mas bastante ativa, ela corria pelos canteiros sacudindo trapos, espantando os passarinhos, salvando as sementeiras novas. Em compensação, não gosto de ouvi-la falar dos tempos em que perambulava pelas ruas de São Paulo, passando fome, pedindo esmola...

Novidadeira como ela só, popular no bairro, Ricardina conhece Deus e o mundo, se dá com uns e outros... Seu grande amigo é o Duda, Eduardo, empregado da Farmácia Braga. Ela jura não serem namorados, apenas amigos, ambos ligados em música. Nas horas de folga, em geral depois de arrumar a cozinha, quando seu Braga, o patrão, dono da farmácia, tira uma soneca, ela corre ao encontro de Duda. Entre um freguês e outro que o rapaz atende, batem um papinho. É na farmácia que Ricardina fica a par da saúde da vizinhança; tira conclusões pelos medicamentos que compram.

— Desconfio que a Madalena está... — me disse a maliciosa, n’outro dia. — A mãe dela, coitada, nem desconfia que

a filha está grávida... foi na Braga comprar Elixir Paregórico para o enjoo da filha... O que é que você acha?

— Eu não acho nada, Ricarda, não sou maldosa como você... Madalena é ainda nova para isso que você está dizendo... ela tem a minha idade... Imagine, Madalena de barriga! Credo!

Há dias, ela chegou rindo, doida pra me contar uma coisa que certamente me escandalizaria:

— Escute só essa, Gê — ela também tem seu truque para me cativar com Gê pra cá, Gê pra lá —, você sabe o Nando, o do armazém? Ele veio pro meu lado com uma conversa fiada, querendo tirar farinha... com a cara mais lavada deste mundo ele me perguntou se eu já tenho pelinhos na xoxota...

— Ele falou xoxota, Ricarda? Tem certeza?

— Claro que falou! Não sou surda! Aliás, quer dizer, ele disse boceta, mas xoxota e boceta não é tudo a mesma coisa?...

— Ricardina ria, a descarada, só de ver minha cara.

— Você dá muita confiança para esses moleques... — ralhei, cara séria, me prendendo para não rir. — Não dê trela, fique no teu lugar...

— No meu lugar? — respondeu prontamente Ricardina. — Que lugar?

Não encontrei resposta.

Se há uma pessoa que Ricardina admira e estima aqui em casa é Beto; ele a acha engraçada, dá corda, e aí, já sabe, ela abusa. Trata o rapaz de você com a maior intimidade, e quando certa vez vovó chamou sua atenção: “Não seja confiada, menina...”, ela respondeu: “Ora, dona Genoveva, ele também não me chama de senhora”.